



Troca de Experiências Entre Trabalhadores(as) Rurais no PA Geraldo Garcia (Sidrolândia, MS) na Adoção da Agroecologia nas Diferentes Cultivos Visando a Produção Sustentável

The Exchange of Experiences Between Rural Workers at PA Geraldo Garcia (Sidrolândia, MS) in the Use of Agroecology in Different Cultures Aiming the Sustainable Production

ANDRADE, Oséias Paula de¹; FERREIRA, Patrícia Souza¹; VILA, Bruno Diniz¹; JUNIOR, Manoel Soares Oliveira¹; FERREIRA, João Souza¹

¹Universidade Federal da Grande Dourados, oseiap.andrade@gmail.com, luaravictor@yahoo, brunodinizvl@gmail.com, juniorpatlu@yahoo.com, joaopaulosftrabalho@gmail.com

Resumo: Neste relato, abordaremos um tema crucial para os povos camponeses: a importância das experiências de troca de conhecimentos entre os membros da comunidade local para o desenvolvimento de um assentamento da reforma agrária de forma sustentável. Os diferentes meios de produção agrícolas no assentamento Geraldo Garcia, situado em Sidrolândia, Mato Grosso do Sul, têm trazido ótimos resultados na relação intrínseca entre os espaços de sobrevivência e meios de convivência social, tendo como trunfo dessas relações a troca de experiências entre agricultores nas práticas agroecológicas. Isso promove um ambiente colaborativo, que valoriza os conhecimentos compartilhados e o aprendizado mútuo, utilizando a educação popular como método para diálogo dos saberes, enriquecendo o saber local e fortalecendo laços comunitários. O relato foi construído a partir da vivência dos autores com as experiências de trocas de conhecimentos pautados na agroecologia, realizadas sobretudo a partir de 2021 no assentamento Geraldo Garcia, envolvendo a escola e o centro de capacitação e pesquisa do assentamento. A troca dos saberes acontece nas rodas de conversas, nas visitas sociais nas propriedades de forma coletiva e individual, em rodas de tereré, cursos e palestras locais, com parcerias de universidades, associações, trabalhadores rurais e entidades sociais. Os principais resultados são a evidência de como a educação e a agroecologia ajudam as comunidades a desenvolverem habilidades para produzir alimentos de forma autossustentável, promovendo a soberania alimentar, com base em sistemas de produção que valorizam a diversidade e a resiliência.

Palavras-chave: Transição agroecológica, sustentabilidade, vida saudável, campesinato, reforma agrária.

Abstract: In this report, we will address a crucial topic for peasant peoples: the importance of knowledge exchange experiences among members of the local community for the development of an agrarian reform settlement in a sustainable way. The different means of agricultural production in the Geraldo Garcia settlement, located in Sidrolândia, Mato Grosso do Sul, have brought great results in the intrinsic relationship between survival spaces and means of social coexistence, with the exchange of experiences between farmers in agroecological practices as an asset of these relationships. This promotes a collaborative environment that values shared knowledge and mutual learning, using popular education as



a method for the dialogue of knowledge, enriching local knowledge and strengthening community ties. The report was constructed based on the authors' experience with the experiences of knowledge exchange based on agroecology, carried out mainly since 2021 in the Geraldo Garcia settlement, involving the school and the training and research center of the settlement. Knowledge is shared through conversation circles, social visits to properties, both collectively and individually, tereré circles, courses and local lectures, in partnerships with universities, associations, rural workers and social entities. The main results are evidence of how education and agroecology help communities develop skills to produce food in a self-sustainable way, promoting food sovereignty, based on production systems that value diversity and resilience.

Keywords: Agroecological transition, sustainability, healthy life, peasantry, agrarian reform.

Contexto

A troca de experiências para aprimorar os processos na produção de alimentos agroecológicos em áreas de assentamentos desempenha um papel fundamental no fortalecimento das comunidades rurais. Essa prática não apenas promove a disseminação de conhecimentos práticos e soluções adaptadas às realidades locais, mas também reforça os laços sociais e a cooperação entre os agricultores. Em contextos de assentamentos, onde a terra é cultivada por famílias e coletivos que muitas vezes enfrentam desafios econômicos e de infraestrutura, a troca de saberes e experiências sobre técnicas agroecológicas permite a difusão de métodos sustentáveis e inovadores de cultivo. Isso contribui para a produção de alimentos saudáveis, a preservação do meio ambiente e a valorização do conhecimento tradicional e empírico, elementos essenciais para o desenvolvimento e fortalecimento do convívio social.

Tais trocas de experiências estão inspiradas na ideologia defendida pelo educador Paulo Freire, fortalecendo o diálogo, utilizando-o como ferramenta de empoderamento na troca de saberes e na construção conjunta de soluções, valorizando o conhecimento local e a experiência vivida. Essas trocas representam a transmissão de saberes acumulados ao longo de gerações, refletindo a adaptação e a resistência das comunidades rurais diante de desafios como mudanças climáticas, pressões econômicas e transformações sociais. Ao ouvir o outro, estamos proporcionando o incentivo para uma reflexão crítica sobre as condições sociais e ambientais, permitindo que a comunidade analise e compreenda as necessidades da ação mútua em cooperação visando o progresso para um modo de vida no campo de forma sustentável, respeitando o meio ambiente, pautado na agroecologia.

A história da agroecologia no Brasil é marcada por uma trajetória complexa que remonta a várias décadas, e é influenciada por diversos fatores sociais, econômicos e políticos. A agroecologia é uma abordagem que busca integrar princípios e



práticas da ecologia no desenvolvimento de sistemas agrícolas sustentáveis, promovendo a produção de alimentos saudáveis e a conservação dos recursos naturais (Caporal, Costabeber, Paulus, 2006). Na atualidade, a agroecologia vem buscando a articulação de diferentes conhecimentos, desde disciplinas escolares a saberes populares, ou seja, consolidando uma integração do conhecimento técnico-científico da ciência com os saberes tradicionais. Caporal, Costabeber e Paulus (2006) reconhecem que a agroecologia foi se moldando e sendo fortalecida graças ao predomínio do conhecimento técnico na lógica difusionista, gerando intervenções a partir do diagnóstico e identificação de problemas no ecossistema, abrindo caminho para possíveis soluções levando em conta os conhecimento tradicionais e experiências a partir de uma análise multidimensional (econômica, social, ambiental, cultural, política e ética). Seu fortalecimento sustenta a construção de um novo paradigma de desenvolvimento rural, de caráter agroecológico, defendido por diversas unidades de ensino, entidades e diferentes comunidades sociais.

O agronegócio tem se tornado o vilão dos impactos ambientais na atualidade, em uma lógica de produção voltada somente para obter lucro, não se calculando os efeitos causados pelos problemas ambientais, demarcando o avanço do capitalismo no campo a partir de um conjunto de cadeias do agronegócio, presente na atualidade. Seus efeitos nocivos incluem a contaminação da água superficial e subterrânea, a perda de biodiversidade, o assoreamento dos rios, causado pela erosão do solo, a intoxicação de pessoas pelo uso de agrotóxicos, cuja contaminação também tem levado ao desenvolvimento de doenças hormonais (Fernandes, 2002). Dessa maneira, é urgente o fortalecimento das práticas agroecológicas nos espaços camponeses, para se contrapor a esse modo de produção tão nocivo.

O Projeto de Assentamento (PA) Geraldo Garcia, localizado no município de Sidrolândia, MS, foi criado em 2002. Nesse mesmo momento, foi criado o Centro de Capacitação e Pesquisa Geraldo Garcia (CEPEGE), idealizado pelo Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST). Desde então, o centro tem desenvolvido diversas atividades formativas relacionadas à produção camponesa. Nos últimos três anos, o CEPEGE tem realizado trocas de experiências com mais ênfase na agroecologia, que buscaremos relatar e analisar neste trabalho. Para isso, o presente relato utilizou-se da metodologia da pesquisa participativa, trabalhando com grupos focais, apropriando-se do pensamento de diferentes produtores rurais no PA Geraldo Garcia, entidades sociais e acadêmicas, reverenciando seus conhecimentos tradicionais e científicos.

Descrição da Experiência

A experiência foi desenvolvida inicialmente com convite a representantes de agrônomos do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), de outras



regiões do estado de MS, para expor formas de produção agroecológica como fonte de inovação e solução para os problemas enfrentados no campo. Foram realizadas palestras, a partir de 2021, aos(as) agricultores(as) aos finais de semana, organizadas pela associação de agricultores locais, utilizando o CEPEGE como infraestrutura de apoio para a realização dos estudos, abrindo espaço para os(as) agricultores(as) exporem suas dúvidas, compartilhando seus anseios e conhecimentos.

Durante os encontros, o grupo de estudos fez escalas de visitas às propriedades para realizar plantios agroecológicos de forma cooperada, utilizando diversas formas de produção agroflorestral, horta comunitária, troca de experiência no uso da pulverização orgânica no combate a pragas, utilização de produtos naturais, produção de calda bordalesa e calda sulfocálcica como defensivos orgânicos.

Os resultados do progresso das experiências eram monitorados pelos técnicos das entidades sociais, acompanhando o crescimento a cada 30 dias, conversando em rodas de conversas em pequenos grupos nas propriedades rurais, mapeando a produtividade e comercialização.

Figura 1. Trocas de experiências no centro de formação CEPEGE



Fonte: Arquivo do CEPEGE, 2021.

Com o amadurecimento da produção agroecológica, a partir dessas trocas de experiências iniciais, novas parcerias e projetos foram sendo consolidados. A Escola Municipal (E.M.) Estância Belém, localizada no assentamento Geraldo Garcia, tem



se tornado propagadora da relação entre os(as) trabalhadores(as) do campo enquanto agentes produtores de conhecimento, mediando o fortalecimento da verdadeira função social da reforma agrária: defender a educação do campo como uma política pública de transformação social; diminuir a fome e a miséria no campo; mediar a agricultura agroecológica como fonte de vida e saúde; conscientizar a escola de seu território enquanto direito conquistado; mostrar que é possível construir um modo de vida saudável, conciliando agricultura com a natureza.

A escola tem aderido à troca de experiência no fortalecimento de produção agroecológica, com participação dos professores, funcionários e familiares, por meio da horta escolar comunitária, criada em 2021. A produção oriunda da horta abastece exclusivamente a escola, compondo a merenda escolar.

Figura 2. Horta da E.M. Estância Belém, com estudantes colhendo verdura



Fonte: os autores, 2023.

A satisfação de toda a comunidade escolar envolvida é imensa, nos sentimos realizados em produzir alimentos saudáveis e valorizados, bem como pela confiança gerada junto aos pais dos estudantes. Sabemos que estamos no caminho certo em compartilhar saberes que fortalecem nosso modo de vida no campo, produzindo saúde e autoestima para os estudantes, contagiando as famílias no campo.



Em 2023, uma nova parceria com membros estaduais da Campanha Permanente Contra os Agrotóxicos e Pela Vida levou uma oficina de conscientização dos riscos do uso de agrotóxicos para o CEPEGE, contando com a presença de professores, técnicos, estudantes, representantes de movimentos sociais e outras pessoas interessadas no tema para trocarem saberes com os produtores agroecológicos do PA Geraldo Garcia (Fig. 3).

Figura 3. Caravana da Campanha Permanente Contra os Agrotóxicos e pela Vida em visita ao CEPEGE



Fonte: os autores, 2023.

Atualmente há novos projetos em elaboração com a Universidade Federal da Grande Dourados, além de outros grupos e instituições, e experimentos nos quintais com o plantio em sistemas agroflorestais.



Saberes tradicionais, fonte de estratégias para a expansão da agroecologia

Da mesma forma que a educação popular e a educação do campo, é forte a relação da educação popular com a agroecologia, pois ambas compartilham valores fundamentais e objetivos similares de promover a sustentabilidade, a justiça social e a autonomia das comunidades rurais. Altieri (2012) ressalta que a agroecologia, como uma abordagem holística para a agricultura, busca criar sistemas produtivos que sejam ecologicamente sustentáveis, economicamente viáveis e socialmente justos, e promove a educação popular.

A educação popular, além de ser uma ciência do conhecimento, tem contribuído com o trabalho no campo, que por sua vez tem sido enriquecido pela prática desse movimento educacional, pois a educação popular promove uma abordagem de aprendizagem horizontal, onde o conhecimento é compartilhado de forma colaborativa entre os agricultores, criando um ambiente de troca de experiências e saberes locais, valorizando as práticas tradicionais e adaptando-as às condições específicas de cada comunidade (Freire, 1982).

A educação popular dentro dos movimentos sociais valoriza e reforça as práticas culturais e os conhecimentos tradicionais das comunidades em relação ao uso da terra. Isso contribui para a preservação das identidades locais e fortalece o vínculo das comunidades com seus territórios. Segundo Freire (1982), o aprendizado não deve ser entendido como mera transferência de conhecimento, mas como um diálogo entre os sujeitos. Em sua obra *Extensão ou Comunicação* (1982), Freire afirma que a troca de experiência enriquece a tomada de decisões para resolver ou melhorar o ambiente de produção rural ou convivência social em comunidade.

A troca de experiências entre os agentes técnicos e os agricultores é, portanto, uma ponte essencial entre o conhecimento científico e técnico, conciliando a sabedoria tradicional com a sabedoria técnica/acadêmica. Essa interação enriquece ambas as partes, promove uma agricultura mais adaptada e eficiente, e contribui para o desenvolvimento rural sustentável. A extensão rural, quando realizada com respeito e colaboração, se torna uma ferramenta poderosa para transformar a agricultura em uma prática cada vez mais inovadora, sustentável e inclusiva. A troca de experiências não precisa ser somente entre um intelectual acadêmico e um sujeito com menos estudos formais. Esse processo pode ser feito entre os próprios agricultores, nas rodas de conversas, nas reuniões da associação, da cooperativa, entre outros momentos coletivos. A integração do conhecimento científico com o conhecimento local contribui para o desenvolvimento de sistemas agrícolas mais sustentáveis e resilientes. Práticas que promovem o respeito à biodiversidade local favorecem novos manejos de conservação aos recursos naturais, e conduzem para uma reflexão crítica da produtividade, ao mesmo tempo que promovem viabilidade econômica da produção.



Na educação popular, os saberes tradicionais são o que tornam a aprendizagem em uma educação com amor, prazerosa, que aumenta a autoestima dos sujeitos ao construir novas descobertas. Educador e educando se encontram em um processo de troca mútua, compartilhando experiências, ideias e perspectivas. A educação popular se dissemina com a agroecologia, tratando-se de uma ciência pautada nos saberes tradicionais, articulando novos saberes construídos pelas experiências atuais, proporcionando alimentos saudáveis, preservação e sustentabilidade da natureza, um modo de vida em harmonia com a natureza.

A educação popular em agroecologia se constitui pelos saberes oriundos das práticas dos trabalhadores e trabalhadoras para manter uma forma de vida humanamente viável, com a preservação de técnicas ancestrais, articuladas aos conhecimentos científicos e novos saberes construídos pelas experiências atuais que orientam formas originais de sociabilidade em relações sustentáveis na e com a natureza (Dias et al., 2021, p. 383).

Toda transição de práticas na obtenção de conhecimento tem seus desafios. A transição para os sistemas agroecológicos tem possibilitado a diversificação nas fontes de renda das comunidades rurais, através da produção de alimentos orgânicos, artesanato e fomento ao turismo rural. Além disso, a agroecologia promove a criação de empregos locais, valorizando o trabalho manual e incentivando o empreendedorismo nas áreas rurais. Nesse contexto, defender a educação popular é permitir a permanência do homem e da mulher agricultora no campo em família, e em harmonia com a natureza, pensar em uma formação com compromisso, formar indivíduos capazes de desenvolver de forma equilibrada a capacidade ao trabalho manual e ao trabalho intelectual, respeitando as diferenças, ter consciência dos direitos e deveres. Cuidar da terra é prolongar o ciclo de vida da humanidade (Freire, 1982).

A educação popular é uma pedagogia de oportunidades de aprendizagem, oferecendo oportunidade das pessoas se educarem entre si, criando formas para fazer com que o saber, as ideias, as crenças se tornem um bem comunitário, pertencente a todos, em que a vida em comunidade se torna um leque de informações e conhecimentos. Assim, o trabalho social se torna leve, sem opressão, traz possibilidade de se manifestarem com total liberdade em suas expressões verbais.

A agroecologia tem se apresentado como uma ciência em processo de respostas a inúmeras questões de seus efeitos, uma oportunidade para atender às necessidades de produção de alimentos e geração de renda para as famílias camponesas. Tratam-se de valores, no resgate e incorporação de saberes de diferentes povos tradicionais do país (Altieri, 2012).



Os círculos de cultura e a troca de experiências agroecológica camponesa

Os círculos de cultura, abordados por Freire (1982), buscam promover uma prática pedagógica dialógica e participativa. Desenvolver os círculos de cultura entre os(as) agricultores(as) é essencial para criar um ambiente de colaboração, reflexão crítica e ação coletiva que possa transformar a forma como os alimentos são produzidos e como as comunidades rurais se organizam. Além de fortalecer a autonomia desses atores locais, esta metodologia de produção contribui para a construção de um sistema agrícola compartilhado. Os círculos de cultura são usados para capacitar as pessoas a refletirem criticamente sobre sua realidade social e a se engajarem em processos de mudança social.

Ao descrever a importância das práticas de produção de alimentos em áreas de assentamentos, é essencial citar os movimentos sociais como carro chefe nas estratégias de luta pelo reconhecimento e pela proteção dos direitos territoriais das comunidades tradicionais. Essas práticas são fundamentais para garantir que as comunidades, em especial dos assentamentos rurais, possam continuar a exercer suas práticas culturais e modos de vida que são intrinsecamente sustentáveis e benéficos para o meio ambiente (Fernandes, 2002).

Os movimentos sociais defendem a relação da terra com o meio ambiente nas comunidades rurais de assentamentos, utilizando a educação popular como ferramenta de capacitação de novos conhecimentos. O CEPEGE é um exemplo disso. Temos visto que, ao compartilhar conhecimentos sobre práticas agrícolas, as comunidades rurais podem adotar técnicas inovadoras que melhoram a produtividade e a sustentabilidade de suas produções. Isso inclui a introdução de novas culturas, métodos de cultivo agroecológico, e o uso eficiente de recursos naturais, como a água e o solo.

Os movimentos sociais capacitam as comunidades locais a defenderem seus direitos à terra e a um meio ambiente saudável. Ao utilizar a educação popular, essas comunidades desenvolvem uma compreensão crítica das forças que afetam suas vidas, como o agronegócio, a mineração e outras formas de exploração que podem ser prejudiciais. A educação popular dentro dos movimentos sociais valoriza e reforça as práticas culturais e os conhecimentos tradicionais das comunidades em relação ao uso da terra. Isso contribui para a preservação das identidades locais e fortalece o vínculo das comunidades com seus territórios (Fernandes, 2002).

O grupo de estudos da experiência relatada, atualmente composto por 10 famílias, são participantes desta modalidade de produção, e seus membros têm se tornado mediadores, auxiliando a comunidade no desenvolvimento e organização de grupos de produtores a acreditar no processo de fortalecimento pela transição agroecológica no PA Geraldo Garcia. Isso se dá através da troca de experiências entre produtores que já aderiram a esta modalidade de produção de alimento e



famílias interessadas, buscando incentivar novas famílias. Atualmente, os produtores agroecológicos participam de feiras e grupos de consumo, em Sidrolândia e em Campo Grande (Fig. 4), como um dos mecanismos para fortalecer a união e propagação da rede de comercialização de produtos orgânicos.

Figura 4. Participação dos agricultores agroecológicos do PA Geraldo Garcia em feira de Campo Grande



Fonte: os autores, 2024.

A feira tem sua significância social e econômica, pois além de contribuir para o bem-estar da família produtora e para a sociedade, através da melhoria da qualidade de vida e saúde, também é importante no aumento da renda do núcleo familiar que produz os alimentos, e na divulgação para a população urbana da importância da agroecologia. Os agricultores entendem que é viável a produção agroecológica, e o fato de comercializarem em grupo favorece o reconhecimento da agricultura familiar, bem como tem possibilitado a permanência das famílias no campo.

Conclusões

A troca de experiências na produção de alimentos agroecológicos tem transformado o paradigma produtivo sustentável, propondo novas formas de relacionamento entre as pessoas. É uma modalidade que desenvolve sistemas alimentares que



promovem justiça socioambiental, soberania alimentar, e a criação de territórios saudáveis e sustentáveis no assentamento Geraldo Garcia.

Essas parcerias de apoio comunitário, envolvendo escola, grupos sociais e famílias têm muito caminho a percorrer, mas que vale a pena divulgar. As dificuldades são muitas, como em qualquer outro projeto de ensino/aprendizagem, mas em conjunto estamos vencendo as dificuldades para promover a produção sustentável de alimentos e a segurança alimentar na comunidade escolar no PA Geraldo Garcia. Estamos engatinhando, com pretensão de engrossar a fileira e envolver cada vez mais famílias.

Estamos nos esforçando para alcançar a sustentabilidade em massa com sucesso, pra que novas famílias adotam práticas que conservam a biodiversidade, melhorem as condições de vida e que venham a superar a pobreza alimentar, tendo como base os conhecimentos, técnicas e inovações na produção agroecológica no campo.

Referências

ALTIERI, M. **Agroecologia**: bases científicas para uma agricultura sustentável. 3. ed. rev. ampliada. São Paulo: Expressão Popular, Rio de Janeiro: AS-PTA, 2012.

CAPORAL, F. R.; COSTABEBER, J. A.; PAULUS, G. Agroecologia: matriz disciplinar ou novo paradigma para o desenvolvimento rural sustentável. In: 3º Congresso Brasileiro de Agroecologia, Florianópolis, Brasil. **Anais...** 2006. Disponível em: <http://biblioteca.emater.tche.br:8080/pergamumweb/vinculos/000005/000005f5.pdf>. Acesso em: 08 nov. 2024.

DIAS, A. P; STAUFFER, A. B; MOURA, L. H. G; VARGAS, M. C. **Dicionário de agroecologia e educação**. São Paulo: Expressão popular, 2021.

FREIRE, P. **Extensão ou comunicação?** 6ª. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.

FERNANDES, B. M. Diretrizes de uma caminhada. In: KOLLING, E. J.; CERIOLI, P. R.; CALDART, R. S. (Org.). **Educação do Campo**: identidade e políticas públicas. Coleção Por Uma Educação do Campo, n.º 4. Brasília, DF: Articulação nacional Por Uma Educação do Campo, 2002.